



Vagina, corpo e mente entre a branquitude e o sagrado feminino no Brasil do século XXI

Vagina, body, and mind between whiteness and the sacred feminine in 21st century Brazil.

Hannah Lima Alcantara de Vasconcellos

<https://orcid.org/0000-0002-9262-5109>

Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, Mestra em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela UFRJ (2019) e Jornalista pela FACHA (2015). Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Corpos, Gêneros e Sexualidades (NUSEX). <http://lattes.cnpq.br/1042834818527625> E-mail: hannahdevasconcellos@gmail.com

Resumo (en el idioma del artículo)

O presente artigo apresenta parte das conclusões de uma longa etnografia multissituada sobre o movimento do sagrado feminino e as dinâmicas raciais dentro e no entorno dele que realizei entre 2019 e 2023. A descrição passa por uma localização histórica, relatos etnográficos, netnografia e análise dos elementos que considero mais importantes para a compreensão dessa agitação social que ressurgiu fortemente a partir de 2015 no Brasil. O movimento do sagrado feminino é composto por mulheres urbanas de classe média, predominantemente jovens e brancas, que buscam um estilo de vida focado no autocuidado do que chamo de “complexo vagina-corpo-mente” e na necessidade de retomar uma essência feminina perdida. O movimento se disseminou nas redes sociais catapultado pelo feminismo branco. A branquitude desempenha um papel central neste campo, apropriando-se de elementos de diferentes tradições culturais para o exercício de sua autoridade.

Palavras-chave

Sagrado feminino. Branquitude. Autocuidado.

Vagina, body, and mind between whiteness and the sacred feminine in 21st century Brazil.

Abstract

This article presents part of the conclusions of a lengthy multisited ethnography on the sacred feminine movement and the racial dynamics within and around it, which I conducted between 2019 and 2023. The description encompasses a historical context, ethnographic accounts, netnography, and analysis of the elements I consider most important for understanding this social upheaval that resurged strongly in Brazil from 2015 onwards. The sacred feminine movement is composed of urban middle-class women, predominantly young and white, who seek a lifestyle focused on self-care of what I refer to as the "vagina-body-mind complex" and the need to reclaim a lost feminine essence. The movement has spread through social media, propelled by white feminism. Whiteness plays a central role in this field, appropriating elements from different cultural traditions for the exercise of its authority.

Keywords

Sacred feminine. Whiteness. Self-care.



1. Introdução - Encontros com o Sagrado Feminino

Eu havia dormido profundamente na minha barraca de acampar ao som da queda d'água que ficava a cinco passos de distância do lugar que escolhi para dormir pelos próximos três dias. Acordei ao som de uma tigela tibetana sendo tocada suavemente. Logo o sonho que tive durante a noite invadiu meus pensamentos, e isso me fez lembrar que havia um pequeno pedaço de babosa dentro da minha vagina. (Diário de campo da autora, junho de 2019.)

O trecho acima faz parte da descrição etnográfica de um encontro do qual participei em 2019 organizado por mulheres que fazem parte do movimento do sagrado feminino¹. Trata-se de um movimento, uma agitação social que se desenvolve em um mundo globalizado, conectado e hipermediatizado (CAMPANELLA e BARROS, 2016) que está inserido em um contexto sócio-histórico. Jane Russo, na década de 1990, se dedicou a discutir antropologicamente em seu livro “O Corpo contra a Palavra” (1993) a virada da popularidade da psicanálise nos anos 1970 entre as populações de classe média e média-alta para a ascensão das terapias alternativas (em detrimento da psicanálise), em especial as chamadas terapias corporais.

Russo conta que se deparou com a proliferação de anúncios de “cursos, ‘vivências’, ‘maratonas’, terapias, ‘encontros’, palestras etc. nos quais se anunciavam práticas às vezes terapêuticas, às vezes francamente esotéricas ou mesmo religiosas” nas paredes da faculdade em que lecionava (RUSSO, 1993, p. 9). Ela observa ainda que as chamadas eram “promessas” de “encontro consigo mesmo” e “recuperação de afetos”. Sua curiosidade científica estava em compreender essa nova inflexão observada de que a “cultura psicológica” parecia produzir e assumir para si.

Meu processo de entrada em campo não se deu nos murais de anúncios das universidades, mas nos murais virtuais, onde é perceptível, em 2023, a mesma proliferação observada por Russo na década de 1980. Especialmente a partir de 2018, é possível observar essa proliferação nas postagens no Instagram e no Facebook, nas pesquisas no Google de palavras-chave relacionadas ao assunto, nas reportagens de revistas digitais focadas no público feminino, em mensagens compartilhadas através do Whatsapp e nas longas discussões feitas no Twitter. Há anúncios de “imersões”, “vivências”,

¹ O movimento do sagrado feminino é convencionalmente chamado de "Círculo de Mulheres". Aqui, neste artigo, estou usando a expressão "sagrado feminino" porque essa é a palavra pelo circuito de mulheres que foram interlocutoras desta pesquisa.



“cursos” e “encontros”, e há, sobretudo, compartilhamento de conteúdos sobre “cura”, “autocuidado”, “resgate da essência feminina”, “retomada do poder ancestral da mulher”, entre muitos outros.

O movimento é “amorfo e diluído” (RUSSO, 1983), incorporando desde o seu denominador “sagrado feminino” até outros conceitos como “ginecologia autônoma”, “ginecologia natural”, “fitoterapia”, entre outros. “Sagrado feminino” é um conceito polissêmico, mas uma com força condensadora de fácil identificação. Quando mencionado, evoca um repertório no imaginário social de um nicho de diferentes estratos da classe média. É uma expressão que condensa significados, ideias, ideais e práticas entre múltiplos campos de saber.

O movimento do sagrado feminino envolve principalmente mulheres jovens urbanas de camadas médias em torno de “práticas naturais de autocuidado” com foco no que denomino como “complexo vagina-corpo-mente”. Há um processo de reelaborar essas práticas, organizando-se nas redes sociais e promovendo encontros, majoritariamente pagos, para compartilhar, ensinar e ritualizar. O complexo vagina-corpo-mente também é um condensador didático do trabalho que as organizadoras propõem. Apesar do profundo foco no aparelho sexual, incluindo vulva, vagina, útero, há também cuidado com mamas, por exemplo, e, sobretudo, uma ideia holística, de uma integralidade, da não separação do corpo em partes.

2. *Panorama histórico e teórico*

Há uma vasta literatura na antropologia e na psicologia que dá conta do interesse social pela contracultura, pela cultura alternativa, pelos ideais da nova era entre os anos 1960, 1970 e 1980 nos Estados Unidos e no Brasil (RUSSO, 1993; SINISTERRA, 2013; FLORES, 2018; MAIA, 2019; SIGOLO, 2019; POSSE, 2020). Esse crescimento é consequência de uma virada em direção à autonomia, ao misticismo, a um estilo de vida mais “conectado com a natureza” em detrimento daquele oferecido pela industrialização e pela sociedade de consumo. Essa virada de interesse parece ter encontrado ou feito parte da chamada segunda onda do feminismo hegemônico — cujas ideias têm a branquitude como aspecto fundante e estruturante (DAVIS, 2016; ZAKARIA, 2021; BECK, 2021) — que aconteceu entre os anos 1960 e 1970 com grande apelo à libertação das mulheres. Um acontecimento histórico importante dessa onda foi a aprovação da pílula contraceptiva oral (1961).

Neste período foram fundados grupos como o Women’s Health Movement, criado nos anos 1970 nos Estados Unidos, e o Coletivo Feminista Saúde e Sexualidade, criado no Brasil no início dos



anos 1980. Como marco, o livro “Our Bodies, Ourselves” foi publicado pelo grupo estadunidense em 1971 e traduzido e adaptado pelo grupo brasileiro 50 anos depois, em 2021, com o título “Nossos corpos por nós mesmas” e publicizado como a “bíblia da saúde sexual feminina”.

O desenho da teia histórica ganha novos elementos com os dados etnográficos que coletei e analisei em campo. Em conversas com interlocutoras, percebi um padrão nas histórias sobre como passaram a fazer parte do movimento. Muitas jovens com quem interagi tiveram mães ou responsáveis que viveram o movimento da cultura alternativa em sua juventude. Uma das minhas interlocutoras, uma mulher branca de mais de 30 anos, conta que na infância foi cuidada com homeopatia, cristais e alimentos naturais. Ela nasceu no final de 1980 e sua mãe tinha pouco menos de 30 anos quando a teve. Hoje, já adulta, segue o estilo de vida da mãe. Ouvi relatos parecidos de outras mulheres com o mesmo perfil de raça e idade. Isso me faz formular a primeira hipótese de que o ressurgimento desse movimento — com algumas mudanças e novos temas — no Brasil é um desdobramento geracional dos anos 1960 e 1970.

Outra história recorrente no campo tem ligação direta com o feminismo branco. Uma das minhas interlocutoras, também branca e com pouco menos de 30 anos, conta que, ao ingressar na universidade pública, em 2013, em um curso da área de humanidades, teve disciplinas sobre estratificações sociais que fizeram com que ela ampliasse sua “consciência social”, nas suas palavras. As dinâmicas entre alunas e alunos, junto com essa nova consciência criou um terreno fértil para que eles se organizassem em grupos de discussão, reivindicassem mudanças na universidade, organizassem debates e protestos. À época, ela conta, esses grupos se resumiam a grupos sobre gênero e raça.

Ao longo dos cinco anos de graduação, ela passa a frequentar encontros feministas organizados pelas alunas dentro da própria universidade. A partir da rede criada por esses encontros, tem acesso a grupos sobre ginecologia autônoma e sagrado feminino, que mesclavam os ideais feministas com um estilo de vida alternativo, com forte apelo à ideia de “quanto mais natural, melhor”. Esse acesso também se deu online, através do algoritmo do Instagram, em especial diante do interesse que ela tem em páginas e perfis feministas. Detectando esse viés, a rede social sugeriu constantemente postagens e páginas com o conteúdo voltado ao ideário do sagrado feminino, o que revela que o algoritmo, ao menos do Instagram, compreende que o assunto em torno desse ideário tem grande similiaridade com o conteúdo feminista compartilhado nessa mídia (SILVA, 2020).



3. *O Sagrado Feminino nas redes sociais*

A partir do rastreamento de 50 perfis do Instagram e suas palavras de descrição mais frequentes sobre o ideário do sagrado feminino, detectei os principais sentidos para o termo. As palavras mais presentes associadas ao sagrado feminino foram, em ordem decrescente: ginecologia, feminista, terapeuta, mãe, saúde, mulher, mentora, ervas, medicina, eco, bruxa, doula, tarô, astrologia, coletivo, natural, entre outros.

Assim como na pesquisa, minhas interlocutoras percorrem um caminho até grupos do sagrado feminino guiadas pelo interesse nas ideias, ideais e reflexões sobre temas como feminismo, empoderamento feminino, autocuidado e maternagem. Sobretudo, os encontros sobre estes dois últimos eram permeados de conversas sobre o “poder da mulher” simbolizado pelos marcadores biomédicos do corpo do sexo-gênero entendido como mulher, como a menstruação e o útero. Esse percurso nos permite formular uma segunda hipótese: a de que os movimentos feministas brancos nas universidades entre, 2013 e 2018, e o algoritmo do Instagram foram a “porta de entrada” para o ideário do sagrado feminino.

Há também uma tendência global já mapeada por pesquisas do mercado privado. Um relatório internacional publicado em 2021 revelou que a busca por soluções holísticas e focadas em um bem-estar geral aumentou e o reflexo disso pode ser sentido, por exemplo, pelas vendas de alimentos e bebidas à base de plantas, que aumentaram 34% em 2020 em relação a 2019 (ALBUCK e GILLIS, 2021). O relatório chama essa tendência de “evolução do autocuidado”. Decerto, as interlocutoras que encontro em campo estão dentro do espectro social de influência dessa tendência.

Circunscrita em uma leitura midiática hegemônica sobre o feminismo branco, percebo também que a base do imaginário de mulher ideal que circula entre o movimento que observo em campo está inserido nesse contexto difundido no início dos anos 2000. Esse feminismo construiu a imagem da mulher ideal da época: ela deveria ter uma carreira bem-sucedida e sempre almejar mais sucesso profissional, ser “dona de si”, expor seus “defeitos estéticos” com orgulho, ter questões existenciais balizadas pela psicologia, ser livre sexualmente e priorizar a si mesma, mas sem esquecer de procurar um amor para casar. Essa construção foi feita, sobretudo, através das produções audiovisuais do período (a série *Sex and the City*, lançada em 1998, é um bom exemplo). O movimento como um todo não se reivindica necessariamente ou primordialmente feminista mas se



beneficia de um contexto de disseminação dos feminismos. Essa imagem da mulher ideal desse feminismo branco hegemônico construída no início dos anos 2000 oferece o público-alvo perfeito para o sagrado feminino, que precisa de mulheres “em busca de” para vender a cura.

O esforço de desenhar a teia histórica e de situar nela o movimento que observo em campo me levou a buscar fatos externos ao campo que expliquem ou situem o que as interlocutoras me contaram. Essa escolha está balizada pelo desejo de produzir uma pesquisa etnográfica a partir de uma perspectiva interdisciplinar e pela percepção de que, apesar do uso do termo “fatos externos”, não há dentro e fora quando o campo está fortemente inserido nas plataformas midiáticas, particularmente nas redes sociais. Nessa perspectiva interdisciplinar, “a importância de um olhar atento na direção do consumo de mídia deve-se à sua centralidade na vida contemporânea” e também porque “o fenômeno do consumo expresso em diversas plataformas midiáticas pode ser compreendido como um sistema revelador de gostos e estilos de vida”, citado por Campanella e Barros (2016, p. 5).

Nesse sentido, a partir de uma análise de dados através do Google Trends com amostragem de 10 anos, entre 2010 e 2020, é possível perceber que entre 2011 e 2014 o termo “sagrado feminino” teve uma procura contínua, mas com baixa popularidade. Entre 2015 e 2017, o mesmo termo seguiu tendo frequência mensal contínua de busca, mas dessa vez com grande popularidade. Nesse mesmo período, o termo “ginecologia natural” começou a ter mais frequência mensal de buscas. Em 2018, o termo “sagrado feminino” tem um segundo salto na popularidade, dessa vez maior, e “ginecologia natural” tem frequência mensal contínua de busca, experienciando um salto entre 2019 e 2020, enquanto “sagrado feminino” permanece com alta popularidade. Aqui, não há a proposta de explicar tais movimentações e, com o conhecimento interdisciplinar que desenvolvi, inclusive no jornalismo de dados, acredito que não seja possível explicá-las com nada além de hipóteses causais. Apesar disso, expor tais movimentações para compor a teia histórica do movimento é útil para situá-lo sócio-historicamente.

Lançado há 30 anos, o livro mais citado e que mais aparece nos conteúdos compartilhados nas redes sociais ligadas ao campo é “Mulheres que correm com os lobos”, escrito pela psicanalista estadunidense Clarissa Pinkola Estés. Segundo a editora Rocco, responsável pela publicação no Brasil: o livro foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2014, alguns meses antes do primeiro salto de popularidade que pude observar na pesquisa através do Google Trends. E mais: a



editora fez um relançamento especial em 2018, exatamente o ano do segundo salto de popularidade do termo “sagrado feminino” nas buscas no Google.

As duas hipóteses levantadas acima se confirmam tanto pelos dados das buscas quanto pelas datas do livro de Estés. O movimento do sagrado feminino, portanto, está inserido em uma teia história que começa com a virada de interesse social desde os anos 1960 em direção à cultura alternativa e, hoje, ressurgem — não no sentido de que houve uma lacuna ou um vácuo, mas no sentido de um ressurgimento de interesse em massa, como já demonstrado pela pesquisa netnográfica — vagamente transformado, e impulsionado por um desdobramento geracional e pela popularização de encontros feministas nas universidades a partir de 2015, com grande salto em 2018 e em estabilidade até hoje (2023).

4. *O ideário do Sagrado Feminino*

Como supracitado, o sagrado feminino é um termo polissêmico que engloba diversas especialidades. Elas aparecem no campo como referências e por vezes como parte de práticas. A partir de um mapeamento, defini as oito principais especialidades aglutinadas pelo sagrado feminino. São elas: 1) ginecologia natural, que tem foco no cuidado com o aparelho sexual com vulva e mamas com práticas naturais, como ervas; 2) tantra, que é uma tradição do hinduísmo e do budismo, mas no contexto do campo, surge como uma técnica para aperfeiçoamento do prazer sexual através de ideais e práticas; 3) pompoarismo, uma técnica oriental antiga criada a partir do tantra que consiste em exercícios de contração e relaxamento dos músculos do assoalho pélvico e tem como foco a saúde pélvica e o prazer sexual; 4) ginecologia autônoma, que tem o mesmo foco no cuidado que a ginecologia natural, mas com maior distanciamento da tutela da medicina convencional; 5) ciclicidade, que é o estudo do aspecto cíclico da pessoa que menstrua, apontando informações sobre como a menstruante pode se sentir em cada fase e criando ferramentas para lidar com cada uma delas; 6) ecofeminismo, que é parte dos feminismos que une a luta pela equidade de gênero com a sustentabilidade e a preservação da natureza; 7) bruxaria, um conjunto de práticas incorporadas ao dia a dia com elementos como ervas, velas, cartas, incensos e cristais com o objetivo de cura, aconselhamento e fortalecimento energético; e 8) terapia menstrual, uma metodologia que tem como objetivo ajudar mulheres a compreender seu ciclo menstrual, criando ferramentas para viver cada fase e cuidar de possíveis distúrbios médicos. A terapia menstrual tem sua base na ciclicidade.



Essas definições foram construídas a partir das conversas com as interlocutoras e da leitura de livros que circulam no campo, como “Mulheres que correm com os lobos” (ESTÉS, 1994), “O milionésimo círculo” (BOLEN, 2003), “Seu sangue é ouro” (OWEN, 1994), “Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas” (FAUR, 2021), “Manual de introdução à Ginecologia Natural” (SAN MARTÍN, 2015), “Círculos de mulheres: as novas irmandades” (DEL PICCHIA e BALIEIRO, 2019), “A sombra nos grupos e círculos de mulheres: um guia para conscientizar, integrar e curar as relações femininas” (VARGAS, 2019), além dos textos de múltiplas autoras que fazem parte da publicação “Mandala Lunar” vendidas entre os anos de 2018 e 2022, entre outros.

Essas especialidades e o sagrado feminino têm um ideário compartilhado que tem o autocuidado, a cura, o feminino, a natureza e o corpo como elementos centrais. O perfil das mulheres que frequentam e organizam grupos e eventos e que produzem conteúdo sobre o tema na internet têm entre 25 e 45 anos em média, são, majoritariamente, brancas e dotadas de capital econômico bastante acima da média brasileira. De acordo com os dados extraídos do questionário remoto aplicado por Raquel Mesquita, entre participantes e organizadoras, 65,6% possuem pós-graduação e 28,7%, ensino superior.²

Elas se aproximam do movimento, sobretudo, à procura de um estilo de vida alternativo e natural, buscando soluções para problemas como ciclos menstruais dolorosos e falta de prazer durante o sexo, ou guiadas pelo desejo de encontrar curas alternativas para questões emocionais decorrentes de eventos traumáticos como relacionamentos abusivos. O movimento atrai mulheres que estão buscando autonomia e conhecimento sobre o corpo e que se alinham às críticas contra a medicalização e compartilham de uma ideia de valorização de uma suposta natureza biológica da diferença sexual. Outro dado da pesquisa de Mesquita que ilustra as motivações e as possíveis consequências de participar do movimento é mais de 70% das mulheres que frequentam os eventos, como os chamados círculos de mulheres, apontam uma mudança positiva em relação à menstruação, sobretudo no grupo que sinalizou que antes mantinha uma relação neutra com o sangue menstrual.

Como vimos na descrição etnográfica inicial, os eventos e grupos são organizados por uma mulher, que faz o papel de facilitadora, ou por um grupo de organizadoras/facilitadoras que eventualmente se juntam para organizar um evento ou ofertar um curso, mas que têm seus trabalhos

² Dados do questionário sobre sagrado feminino aplicado em 2022 por Raquel Mesquita, doutoranda em sociologia na Universidade Federal do Ceará, compartilhados comigo pela autora no mesmo ano.



individuais. É frequente que duas ou três organizadoras façam transmissões ao vivo, ministrem cursos ou organizem imersões juntas. Essas mulheres têm entre 30 e 40 anos em média e têm o movimento como fonte de renda com a venda de produtos como *yoni eggs*³ e absorventes de pano, mas sobretudo com a arrecadação dos valores de inscrição nos eventos, cursos e imersões.

Os serviços oferecidos são variados, desde consultorias pontuais ou acompanhamentos que duram meses a cursos rápidos de um dia, passando por imersões que duram de 3 a 7 dias em cidades do interior ou até em outros países, como Chile e Austrália. Os valores das imersões, por exemplo, variam de 600 reais até 4 mil reais para três dias no interior de estados como Rio de Janeiro e Distrito Federal. Há também cursos. Um exemplo é um curso online de oito horas sobre ciclicidade que tem como objetivo “apresentar formas de tornar cada vez mais leve a experiência cíclica na vida prática”, com o custo de 800 reais. Outro tipo de serviço bastante ofertado é o que elas chamam de acompanhamento terapêutico, que consiste em encontros com frequências variadas, podendo ser semanais ou a cada início de fase de todo o ciclo menstrual. Os encontros são basicamente conversas e compartilhamento de informações para encontrar soluções para as queixas da cliente. As soluções por vezes são uso de *yoni eggs*, praticar o ciclo das sementes⁴, vaporizar o útero com ervas, fazer meditações e rituais, como escrever cartas e queimar em uma lua específica. Esse tipo de acompanhamento também pode ser coletivo. São menos frequentes e feitos de forma remota. Além disso, um grupo no Whatsapp geralmente é criado para a organizadora acompanhar todas com mais frequência. Um acompanhamento como esse, que dura cerca de três meses e tem cerca de sete encontros, custa em torno de 500 reais por pessoa.

A percepção de autoridade é um ponto importante para o entendimento de quem são as organizadoras. Elas são consultadas pelas participantes como fontes de informações e soluções confiáveis, além de oferecerem cursos — inclusive de formação de facilitadoras. Uma dessas organizadoras, que se apresenta como “terapeuta energética e espiritual”, publicou a seguinte legenda em sua página no Instagram:

Sagrado Feminino é reconhecer-se como uma mulher sagrada! Assim, do jeitinho que você é!
De nada adianta achar que está saindo de uma caixinha para se engessar em outra. *Para se conectar ao seu sagrado, autoconhecimento. Para autoconhecimento, terapia! Para terapia,*

³ Pedras em formato oval que são inseridas no canal vaginal para diversas finalidades de cura.

⁴ O ciclo das sementes é uma prática que consiste no consumo de sementes específicas em períodos do mês para auxiliar na regulação hormonal.



me chame para agendar! [grifo meu] (Texto publicado em 2021)

Outra facilitadora se apresenta como “herbalista há 9 anos” e, ao vender um curso sobre banho de ervas e defumações — duas práticas profundamente ligadas às religiões de matriz africana e indígena e, de maneira geral, à cosmologia afrobrasileira e indígena — escreveu a seguinte legenda em uma postagem na sua página no Instagram:

Tenho percebido pessoas ao meu redor sentindo muito medo, ansiedade e insegurança diante de tantas tensões mundiais e no nosso país. Você tá se sentindo assim? Já parou pra pensar que esses sentimentos reverberam no nosso corpo emocional e energético, deixando a energia baixa, densa e pesada? Por isso, resolvi ajudar de alguma forma! Vou ensinar você a cuidar da sua energia e da sua casa através de banhos e defumações de limpeza e proteção! Quero te dar autonomia pra lidar com as energias densas do dia a dia e usar o poder das ervas para cuidar do seu emocional. Edição única e vagas limitadas, um curso lançado exatamente para o momento atual. Então não perde (sic) a oportunidade! [grifo meu] (Texto publicado em 2021)

Em um texto de divulgação do livro “Mulheres que correm com os lobos” no site da Amazon, lê-se: “Ao investigar o esmagamento da natureza instintiva feminina, Clarissa [Pinkola Estés] descobriu a chave da sensação de impotência da mulher moderna.” (grifo meu). Fica evidente que as organizadoras exercem autoridade e criam a percepção de que são detentoras de conhecimento e soluções. Me pergunto quem ou o que dá essa autoridade às organizadoras. Quando perguntadas, algumas falam dos muitos anos inseridas nos estudos sobre aquele tema, fazendo cursos e lendo livros. Outras falam sobre viagens pelos interiores do Brasil e pela América Latina, onde tiveram acesso a mulheres quilombolas, indígenas e ribeirinhas. As referências aparecem também como algo místico e abstrato como “sabedoria ancestral feminina”; são por vezes amorfas (RUSSO, 1993, p. 9) como o sagrado feminino, e sem nome. Na maioria das vezes, é nebuloso quem ou o que confere essa autoridade.

A resposta etnográfica possível para construir alguma compreensão sobre essa autoridade vem da trajetória de três organizadoras com quem pude conversar mais aprofundadamente sobre o tema. A primeira conta que é diretora de filmes e que foi convidada para dirigir um média-metragem sobre “feminino como cura”. Ela conta que no *set* de filmagens “teve acesso a mestras” e descobriu a ciclicidade, o que a transformou profundamente. Com isso, passou a estudar muito sobre o tema lendo livros. Depois de dois anos, criou um projeto que oferece cursos sobre o assunto.



A segunda conta que ficou sem menstruar por seis meses e, preocupada com isso e sem achar soluções com os médicos que se consultou, começou a pesquisar sobre menstruação e sexualidade. Depois de dois anos, decidiu aprofundar os estudos e cursou formações em tantra e terapia menstrual oferecidas por outras organizadoras, além de ter feito pós-graduação *lato sensu*, reconhecida pelo Ministério da Educação, em Ginecologia Natural, oferecida pela Shen.⁵ Durante esse período, passou a oferecer atendimentos terapêuticos e cursos.

A terceira conta que fez uma “imersão de cura” no estado do Amazonas, que tinha, entre outras coisas, o uso da ayahuasca como parte da experiência. Ela não contou detalhes, mas entendi que a imersão era organizada por um grupo de São Paulo e que pessoas indígenas e ribeirinhas compartilharam algumas práticas e informações. Ela relata que foi profundamente transformada por essa experiência, que acessou sua “sabedoria feminina ancestral que estava adormecida” e que passou a frequentar encontros e eventos sobre sagrado feminino. Alguns meses depois da imersão no Amazonas, ela criou uma página no Instagram para compartilhar os saberes e as práticas que havia reunido e divulgar seus cursos e imersões próprias, sem a presença das pessoas indígenas e ribeirinhas que ministraram naquela imersão.

Essas três organizadoras não pareciam confortáveis com a minha pergunta sobre “como começaram a trabalhar com isso”. Mesmo assim, foram elas as únicas que me forneceram alguns dados sobre suas trajetórias na direção de se tornarem facilitadoras, sobretudo em relação à aquisição dos conhecimentos que compartilham. Para mim, como pesquisadora, interessava compreender a construção de autoridade que observei em campo. Nas três histórias, há a adoção de um novo estilo de vida seguida de uma virada vocacional, transformando aquele novo estilo de vida em uma carreira profissional rentável. Eu não obtive respostas sobre a renda mensal delas com essa nova carreira, mas é possível imaginar a circulação de dinheiro tendo acesso aos valores dos serviços prestados e à média de número de mulheres participantes de imersões, que fica entre um mínimo de 20 e um máximo de 50, por exemplo. Essas histórias, descritas aqui como me foram contadas, também revelam a construção de uma coerência para sustentar a autoridade. Essa construção parece ter como ponto central a identificação, ou seja, as organizadoras passaram por sofrimentos e/ou transformações, encontraram soluções e agora compartilham essa história de sucesso para que outras mulheres possam

⁵ Centro de estudos em Medicina Chinesa, fundado em Recife, Pernambuco, em 2005.



viver o mesmo que elas.

Uma organizadora que se apresenta como terapeuta tântrica divulga um dos seus eventos — com duração de um dia e entrada por 2 mil reais — que suas participantes vão alcançar resultados grandiosos como:

Ampliar sua capacidade de dizer “NÃO”; Aceitar a sua vulnerabilidade, abrindo espaço para o amor e a auto aceitação e compreendendo-a como força; Reconhecer seu centro de poder feminino e ressignificar a relação com seu corpo, sua sexualidade e autoestima; Aprender técnicas para despertar a Kundalini⁶; Reconhecer a força do seu centro de poder feminino e aprender técnicas para potencializá-lo; Aprender técnicas de auto estimulação que vão mudar seus orgasmos para sempre; Trabalhar a sororidade, dissolvendo resquícios da noção patriarcal de competição feminina. Você vai redescobrir a sua potência como mulher. (Texto retirado do site)

O exercício de autoridade também fica evidente quando nos deparamos com a vasta produção bibliográfica que elas realizam. Além dos conteúdos compartilhados no Instagram, há vários *e-books* e livros publicados. Um exemplo é o supracitado “Manual de introdução à ginecologia natural”, escrito por Pabla Pérez San Martín, chilena de 35 anos, que explica na orelha do livro que

a partir de seus estudos de sociologia, inicia diversas viagens pela América do Sul, onde nasce o projeto “Ginecosofia”, através do qual investiga e compila de maneira independente as tradições e saberes ancestrais de cura com o uso de ervas para a saúde sexual das mulheres (...) (San Martín, 2016, Orelha do livro)

O livro tem três páginas e meia de referências bibliográficas, além de uma página de agradecimentos. Não encontrei menção a nenhuma pessoa que ela encontrou nessas viagens e que a ensinou tais saberes ancestrais.

Para explicar a construção de autoridade e coerência, além das trajetórias de algumas organizadoras, é preciso também levar em conta o perfil social dessas mulheres. A presente pesquisa está alinhada à Frantz Fanon (2008 [1952]) na premissa de que a abolição da raça — libertando, por exemplo, a pessoa branca de sua branquitude e a pessoa negra de sua negritude, entre outras identidades raciais — seja um dos caminhos para que as pessoas possam viver suas condições humanas plenamente. Apesar disso, o esforço de observação e descrição das dinâmicas sociais exige o apontamento e a compreensão das influências que mobilizam tais dinâmicas. No Brasil, as identidades raciais são estruturantes do Estado-nação e das relações sociais. Não é possível exercer o

⁶ Kundalini é descrito pela organizadora como “energia sexual/vital/criativa”.



esforço etnográfico sem essa compreensão.

Os estudos sobre a condição da pessoa branca no Brasil dão conta de que branquitude é uma identidade racial e um lugar social. Como identidade, a branquitude se reconstrói histórica e socialmente de forma constante diante das influências das dinâmicas locais e globais (BENTO, 2002) e cria, recria e mantém através do pacto narcísico (IBID, 2002) seu lugar social. É um lugar social estruturante, no qual o “sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo” (FRANKENBERG apud CARDOSO, 2010). Essa não atribuição a si mesmo só é colocada em prática quando o que é atribuído é entendido pela branquitude como ruim, perigoso ou sem valor. Ou seja, se racializar-se é limitante ou gera responsabilidades, então a branquitude não atribui a si mesma a pertença a uma raça. Não se racializa ao racializar o "outro" e, nessa manobra, se coloca como universal e como definição de humanidade.

Por outro lado, a posição de poder atribuída a si mesmo a partir da raça torna possível o exercício de autoridade sem enfrentar desconfianças e questionamentos. Não é preciso provar que detém a verdade ou informações confiáveis; o lugar — branco — que ocupam é suficiente para exercer essa posição de poder. Isso explica, ao menos em parte, porque as organizadoras podem manter nebulosa a forma como adquiriram tais conhecimentos e ter o poder de fazer com que mulheres “se conectem com seu sagrado feminino”.

Nessa dinâmica de atribuição que a branquitude opera, atribuir a si o que é do "outro" é uma prática da branquitude. Já que são universais, neutros e plenamente humanos, podem ser também cosmopolitas raciais⁷. Como uma cidade cosmopolita, a branquitude, como identidade e lugar, antropofagia o que deseja. Os que exercem sua branquitude podem fazer parte e se sentem confortáveis em navegar pelas mais diversas identidades raciais e suas culturas. Podem também representar as identidades raciais que desejarem e, assim como transcenderam as fronteiras físicas para exercer o colonialismo e o imperialismo, transcendem também fronteiras culturais, empreendendo sua universalidade.

O resultado dessa cosmopolia racial exercida pela branquitude que lidera esse movimento é a mistura como categoria analítica importante para essa etnografia.

⁷ O conceito de cosmopolita racial me foi apresentado por Mauro Baracho, pesquisador da UFMG, em novembro de 2021.



No final de 2019, acompanhei um curso sobre "tantra e sagrado feminino" na cidade onde resido, Rio de Janeiro. A organizadora se apresentava como "sacerdotisa do Tantra" e "uma das principais vozes do tantra na atualidade, além de escritora e filósofa. O curso ocorreu em uma casa de eventos na zona sul do Rio de Janeiro, a região mais cara da cidade. O valor da inscrição era de 600 reais, mas consegui uma bolsa que viabilizasse minha inscrição. O pedido foi aceito prontamente, embora a assistente tenha me dito que este tipo de solicitação nunca havia sido feito antes.

As participantes pareciam já se conhecer. A organizadora era uma mulher magra, alta e loira e vestia um sutiã e uma calcinha de cintura alta, ambos de renda preta, e uma espécie de robe transparente, também preto. Ela estava maquiada e descalça, com as unhas dos pés e das mãos pintadas de preto e com o cabelo solto. Ela não se apresentou. Uma das suas assistentes nos encaminhou para outra sala e pediu para que entrássemos sem sapatos. A sala tinha cheiro de incenso, luz tênue, uma música instrumental que parecia algo como um mantra em volume bem baixo e tapetes. Nos sentamos no chão, ocupando os tapetes, em silêncio, influenciadas pelo clima de contemplação silenciosa, típica de espaços religiosos.

Na sala havia um pequeno palco onde a mistura como categoria analítica do campo era palpável. Para o curso, este espaço havia sido decorado com um amplo tapete com desenho de mandala, pequenas estátuas, velas, incensos, cristais, flores, folhas, tambores, sementes, penas, um notebook, um microfone e uma grande almofada no centro. As estátuas eram de deuses hindus, como Shiva e Ganesha, orixás como Iansã e Iemanjá e releituras de santas como Nossa Senhora Aparecida. Havia também uma estrela de Davi e uma escultura em ferro que não identifiquei. A organizadora entrou na sala onde estávamos e sentou-se no centro, em cima da almofada. A cena estava completa. Com ela, destacando-se entre as estátuas, em meio a deuses, orixás, santos e outros elementos religiosos, o palco se tornou um altar multirreligioso. A mistura estava exposta no palco, assim como a autoridade estava expressa na performance da organizadora e na integração dela como mais um elemento sagrado do altar.

5. *Considerações finais*

Retomando o tema deste artigo, proponho que o sagrado feminino pode ser compreendido a partir da mistura evocada no palco acima. Esta combinação de elementos e simbologias — que pude observar também na prática de outras organizadoras — está alinhada ao trabalho desenvolvido por



Campbell (1997) sobre a orientalização do ocidente. No sagrado feminino, "tanto artefatos materiais quanto ideias podem simplesmente ser absorvidos ou assimilados sem mudar os valores e atitudes predominantes" (CAMPBELL, 1997, p.6). Esse processo de orientalização pode ser compreendido através da observação de duas correntes, o neopaganismo e o Movimento nova era, e os elementos e valores dessas duas correntes estão presentes no movimento do sagrado feminino. O neopaganismo tem, por exemplo, a ideia de retorno como estrutural na sua formação. O retorno a um passado pré-cristão passa tanto pela Europa com suas culturas pagãs, nórdicas e célticas — a ideia de bruxa fortemente evocada pelo movimento vem dessas culturas — quanto pelas Américas, especialmente as culturas indígenas, asteca e maia — a ideia de Mãe Terra ou Pachamama, também muito presente no movimento, faz parte dessas culturas. Por outro lado, o Movimento nova era fornece para o sagrado feminino elementos como individualismo e valores progressistas de autodesenvolvimento, que teria como consequência a superação de males coletivos.

A mistura nos dá pistas de qual é a ideia de sagrado que o movimento do sagrado feminino evoca, e certos elementos da prática da religiosidade e da sacralização estão presentes nessas duas categorias observadas em campo. O sagrado e a mistura se diferenciam das práticas religiosas pela experimentação e pela improvisação no sentido musical, pela possibilidade de poder ter diferentes arranjos com os mesmos elementos. Na pesquisa de Mesquita (2022) ficou demonstrado que as mulheres que participam dos círculos não têm uma religião específica (67%), ainda que seja comum que elas tenham um “comportamento nômade religioso” ou uma múltipla vinculação religiosa (73,8% participam ou participaram de 2 religiões ou mais). Os dados apontam ainda para uma transformação da relação com o sagrado a partir da entrada nos círculos. Segundo esse levantamento, 91,8% passaram a considerar existir uma diferença entre as noções de “religioso” e “espiritual”.

O misticismo como sinônimo de sagrado aparece como o ponto do meio para o destino do poder pessoal, que é um dos principais objetivos do movimento do sagrado feminino. Para compor a ideia de sagrado que é evocada em campo, princípios cronológicos emergem. A ideia de retorno é muito presente, porque, para elas, o sagrado está dentro de cada mulher, mas não qualquer mulher. O sagrado está dentro da mulher que acessa seu “poder feminino ancestral” que teria sido destruído pelo patriarcado, categoria que aparece nas narrativas do campo para nomear histórias de abuso e opressão vividas por elas e provocadas por homens. Não há diferenciação nesta ideia de “homens”: são todos iguais na sua capacidade de oprimir e violentar.



A figura da “bruxa” é por vezes acionada para compor ou materializar essa ideia de sagrado, de retorno e de ancestralidade. Para elas, bruxa é um estado de poder, um “poder feminino ancestral”, que é uma categoria central e mobilizadora no movimento. A figura da bruxa é composta por elementos pagãos, nórdicas e célticas: são mulheres brancas, com cabelos lisos e compridos, corpos magros, roupas longas, unhas pintadas de cores escuras, rodeadas por ervas, brumas, fumaças e integradas a uma floresta densa.

Desde 2020, pude perceber uma tentativa dentro do campo de estabelecer outras figuras dessa bruxa, passando a remeter à ideia de que curandeiras, rezadeiras, mulheres indígenas, mulheres quilombolas e ribeirinhas brasileiras também são bruxas. Essa tentativa de incorporar outras imagens da bruxa parece coincidir com o enfraquecimento do uso do termo “sagrado feminino” observado em campo, que dá lugar a definições como “ginecologia natural”, associada a termos como “saberes ancestrais”, “banho de ervas”, “defumações” e “fitoterapia”. Este processo de transformação evidencia disputas de poder no campo e também de quais espaços as mulheres do movimento do sagrado feminino vêm tentando se afastar ou se aproximar.

Por limitações de espaço, não foi aqui enfatizada, entre outros pontos, a dimensão filosoficamente neorromântica do sagrado feminino, na qual as mulheres se confundem com a paisagem “natural” — naturalização do complexo vagina-corpo-mente — num cenário que é sustentado por uma estrutura capitalista-individualista. Como vimos, o sagrado feminino é um termo que condensa sentidos e compartilha um ideário no qual definições específicas de autocuidado, cura, feminino, natureza e corpo são elementos centrais. O movimento é integrado por organizadoras, mediadoras e participantes majoritariamente brancas e com alto poder aquisitivo. Branquitude, portanto, é um eixo fulcral para conhecer o sagrado feminino das últimas décadas no Brasil.

6. Referências bibliográficas

CAMPBELL, Colin. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, n. 18, v. 1, p. 5-29, 1997.

BECK, Koa. **Feminismo branco: das sufragistas às influenciadoras e quem elas deixam para trás**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.



- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 5-58, 2002.
- BOLEN, Jean Shinoda. **O milionésimo círculo**. São Paulo: Triom, 2003.
- CAMPANELLA, B. e BARROS, C. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Círculos de mulheres: As novas irmandades**. São Paulo, Ágora, 2019.
- DUARTE, Luiz Fernando D. “O paradoxo de Bergson: diferença e holismo na antropologia do Ocidente.” **Mana**, v.18, n.3, p. 417-448, 2012.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EDUFBA, 2008 [1952].
- FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina**. Editora Pensamento, 2021.
- FLORES, Luiza Dias. **Ocupar: composições e resistências kilombolas**. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- ALBUCK, Mindy e GILLIS, Lynne. **The Evolution of Self-Care**. Information Resources (IRI) e Consumer Healthcare Products Association (CHPA), online. Disponível em: <https://www.iriworldwide.com/IRI/media/Library/IRI-Evolution-of-Self-Care-POV.pdf>
- MAIA, Natália de Oliveira. **Tântrica. Terapêutica e Sexualidade no cenário Rio-São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro: resgatando o poder da menstruação**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- POSSE, Mayxué Ospina. **La disolución del rostro o el reactivar de la bruja: tres ensayos existenciales sobre calderones contemporâneos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual De Campinas, 2020.



RUSSO, Jane. **O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80**. Editora UFRJ, 1993.

SAN MARTÍN, Pabla Pérez. **Manual de introdução à Ginecologia Natural**. Ginecosofía Ediciones. Terceira edição: solstício de inverno, 2015.

SIGOLO, Renata Palandri. Homeopatia, medicina alternativa: entre contracultura, nova era e oficialização (Brasil, década de 1970). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 26, p. 1317-1335, 2019.

SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismo digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SINISTERRA, Mary Lilia Congolino. **Circulando no sagrado: tradições, rituais e cerimônias ancestrais na vida moderna: uma experiência na ecoaldeia la atlantida em Cajibiocauca - Colômbia**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2013.

VARGAS, Cler Barbiero de. **A sombra nos grupos e círculos de mulheres: um guia para conscientizar, integrar e curar as relações femininas**. São Paulo: Pólen, 2019.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Artigo submetido em 13/04/2023, aceito em 20/05/2023 e publicado em 10/06/2023.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.29, n.01, e7998, Jan./Jun. 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v29i01.7998>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).